CISION

Exame

ID: 87281717

01-07-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 66
Cores: Cor
Área: 18,60 x 24,30 cm²
Corte: 1 de 6

FERNANDO FREIRE DE SOUSA / presidente da CCDRN

"Não é a salvar empresas, sem critério, que vamos salvar-nos"

Regionalista convicto, Freire de Sousa reflete sobre o futuro do País. Numa altura em que se volta a falar de reindustrialização e de um Fundo de Recuperação, só pede que se tenha em conta o que o Norte já é e que se gaste o dinheiro com critério

Texto ***Cesaltina Pinto*** *Fotos* ***Lucília Monteiro***

Fernando Freire de Sousa, 66 anos, está há quatro à frente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Norte (CCDRN). "O meu papel é o de defender a região, estando perfeitamente consciente de que a defesa dessa região é integralmente compatível com o interesse nacional", assegura. Licenciado em Economia e doutorado em Ciências Económicas pela Sorbonne, primeiro, e em Relações Económicas Internacionais, depois, já fez um pouco de tudo, nas empresas e na política (foi secretário de Estado para a Competitividade), mas é da sua carreira académica que se orgulha. Considera-se um "falso tímido, relativamente cordato" e "um rezingão". Pois, como diz Agustina Bessa-Luís, de quem gosta muito, na "média virtude" das pessoas do Norte "cabe alguma agressão judiciosa, alguma malignidade discursiva, aquela vontade de sempre que uma autoridade se afirma ir ao arrepio dela".

Num dos últimos relatórios da comissão, há algo que chama imediatamente a atenção. Começa assim: "Norte, a região de menor rendimento por habitante do País foi a que mais contribuiu para o aumento da produtividade do trabalho em Portugal entre 2000 e 2017." O que explica isto?
Fizemos um tratamento mais exaustivo de um conjunto de coisas para refletir sobre a região e motivar os vários stakeholders regionais e nacionais a perceberem onde estão os estrangulamentos. E este relatório põe o dedo na ferida. A fotografia instantânea da economia portuguesa regionalizada diz-nos que a Região Norte está abaixo da média, em termos de produtividade e de PIB *per capita*, e muito abaixo da região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT), a mais rica do País. Mas, se atendermos ao período entre 2000 e 2017, ou a estes primeiros 20 anos do século XXI, a taxa de crescimento da produtividade do Norte foi a que mais cresceu. Recuperou a sua posição, fez um *catching up*, em relação ao conjunto de outras regiões e, particularmente, em relação a Lisboa.

CISION
Exame
ID: 87281717
01-07-2020
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.
Pág: 67
Cores: Cor
Área: 18,60 x 24,30 cm²
Corte: 2 de 6

Isso é relevante porquê?
Porque indicia um dinamismo interessante e concluímos que modelos muito dependentes do Estado, como o da Grande Lisboa, se esgotam mais facilmente e não têm grandes efeitos sobre as finanças públicas ou o nível de dívida. Está à vista que este modelo tem limitações e tem de ser ultrapassado.

Esse modelo ainda persiste?
É claro! As entidades, as instituições, estão lá. As coisas não mudam com um clique. O Norte cresceu 20% em produtividade em 17 anos, enquanto LVT cresceu só 3 por cento. Não está aqui em causa uma discussão Norte-Sul, mas precisamos de pôr algum fogo nas regiões Norte e Centro, que são as mais abertas, mais ligadas ao exterior e as mais ricas para promover um crescimento económico sadio.

Uma das propostas de Rui Rio é que, até 2023, o país chegue a 50% das exportações sobre o PIB...
O próprio ministro da Economia dizia que o País devia estar a 50% da intensidade exportadora. Eu digo que os nossos dados demonstram que, em 2018, a Região Norte já estava a 50 por cento. E já procuramos passar para 55% ou 60 por cento. E outros estudos nossos revelam que, nesse mesmo período, o Norte também foi o que mais contribuiu para o PIB e até para o emprego do País. No mínimo, cerca de dois terços da recuperação do emprego a seguir à Troika terá sido devido ao Norte. O mesmo para o PIB.

Mas também perdemos 150 mil postos de trabalho
Na indústria transformadora, que está mais aberta ao exterior. E quanto vale a indústria transformadora no Norte? 44 por cento. Quanto vale em Lisboa? 22 por cento. Quanto vale a indústria transformadora no total da nossa economia? 35 por cento. Quanto vale a de Lisboa? 11,5 por cento. Isto não quer dizer que o Norte é bom e Lisboa é má, mas factualmente é assim. Em termos de estrutura económica, não tem nada a ver o que se passa em Lisboa com o que se passa no País.

Como capital, Lisboa sempre teve um peso maior nos serviços
Claro. O turismo e serviços matizam isto. Mas se queremos apostar numa intensidade exportadora maior, o contributo do Norte é essencial. Existem as estruturas instaladas, é fazer evoluir o que existe. A perda de empregos na indústria transformadora é a tradução da ideia de que a evolução económica passa do primário para o secundário, e o secundário para o terciário, para os serviços. E de que as economias modernas são mais assentes em serviços do que na indústria. Já foi mais verdade. Hoje, falamos em reindustrialização e na necessidade de a Europa recuperar o seu peso na indústria. Temos de ser consequentes com isso, o que quer dizer valorizar o que temos.

Como vê o futuro, agora que voltamos a falar dessa necessidade de reindustrializar a Europa, precisamente porque percebemos o quanto estamos dependentes de países como a China ou a Índia?
Sempre achei que a Europa tinha ido longe demais na sua abertura, sem reciprocidade, a outras zonas do mundo. Não por acaso, os comissários que tinham a seu cargo a política comercial externa foram sempre ingleses ou holandeses, que são os que não têm indústria e vivem do *trading*. Quero acreditar que, hoje, os responsáveis europeus sabem que a reconstrução da Europa passa pela reindustrialização, a ser feita com recurso ao Green Deal, à transição digital, etc., sem que as transformemos demasiado em modas. Se esse é o caminho, é muito importante que construamos uma estratégia nacional e regional, consensual, feita de forma objetiva, não interesseira, nem interessada. O Norte só tem a ganhar com isso, na medida em que uma estratégia de reindustrialização do País não pode ser feita sem ter em conta aquilo que o Norte já é: uma das zonas mais industrializadas da Europa.

Que setores apontaria para o futuro?
Antes de tudo é preciso fazer um cozinhado bem feito entre sermos capazes de fazer o *upgrading* do que existe e do que nos últimos anos tem vindo a existir com cada vez mais expressão – como a metalurgia, metalomecânica, material de transporte, automóvel, indústrias alimentares – com a evolução dos setores mais tradicionais nas suas componentes mais modernas – têx-

“Em termos de estrutura económica, não tem nada a ver o que se passa em Lisboa com o que se passa no País”

CISION

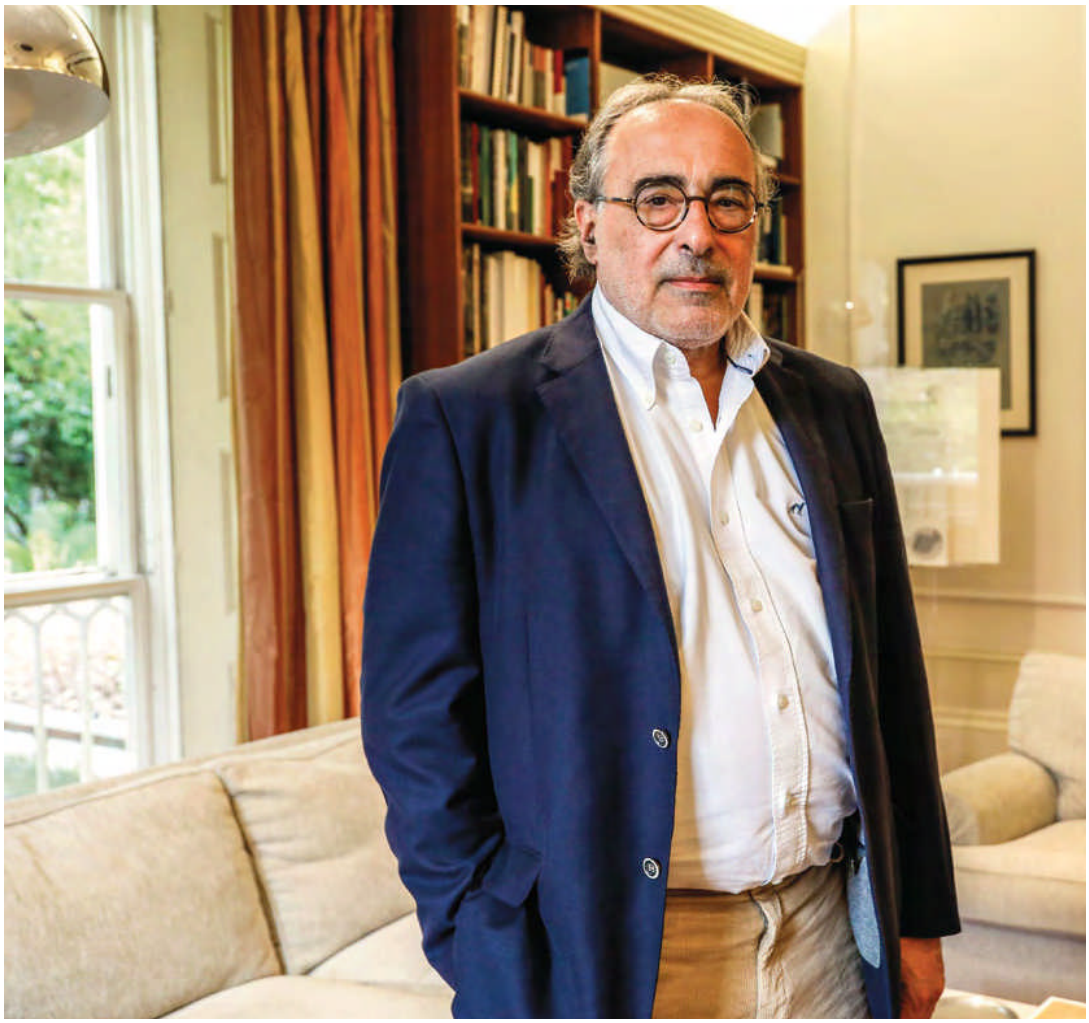
Exame

ID: 87281717

01-07-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 68
Cores: Cor
Área: 18,60 x 24,30 cm²
Corte: 3 de 6



teis técnicos, vestuário, calçado, mobiliário e madeiras. E acrescentar algumas manifestações mais visíveis, mas esparsas pelo território, de startups, de novas expressões empresariais, que saem diretamente da inovação das universidades. Mas sem fazer disto tudo um folclore. Tem de se partir do que existe, e em cima do que existe, introduzir uma dimensão muito bem trabalhada e muito objetiva. Podem vir a existir coisas novas, mas que seja o mais possível palpável, que se possa pôr no terreno a curto prazo, e algo de não especulativo. Não se pode passar diretamente da primeira revolução industrial para a terceira.

O Norte já não é só têxtil e calçado?
Não. É também metalomecânica, automóvel, material de transporte, indústrias alimentares e alguma tecnologia. Muito em ligação com as universidades. Mas não estamos ainda na fase em que o nosso crescimento económico possa assentar demasiado em empresas associadas à tecnologia, como as startup.

Porquê?
Ainda não são suficientemente visíveis. Primeiro, precisam de escalar.

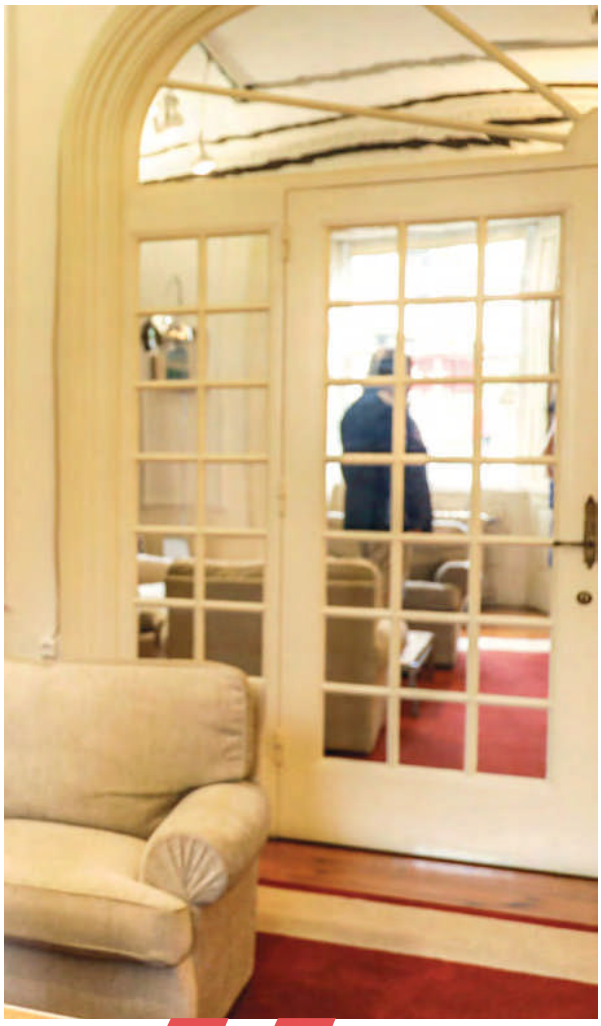
Nestes 20 anos, houve a introdução da moeda única e a crise financeira de 2008. Estes momentos obrigaram as empresas a uma transformação necessária que estavam a adiar?
Há de tudo. Acredito que a crise tenha obrigado a gestão das empresas e, alguns setores, a reorientarem as suas estratégias.

Obrigou a contratar quadros mais qualificados?
Mas isso é também o resultado de uma política científica e tecnológica que tem tido, ao contrário de outras áreas, uma continuidade de 30 anos, com pequenas interrupções. Muito devido a Mariano Gago. Os resultados estão à vista, particularmente no Norte, no que refere à inovação e à ligação das universidades com o setor empresarial. A percentagem do I&D no PIB regional está acima da média, embora ainda não ao nível da Alemanha. E há coisas interessantes a acontecerem no Cávado e até no Ave. Pela primeira vez, em 2019, a Região Norte passou a ser inovadora na classificação das regiões europeias. Passou de moderada a fortemente inovadora, o que traduz uma evolução.

Mas nesse campeonato não temos perdido para algumas zonas dos países de Leste?
Aí perdemos na convergência económica. O PIB das regiões é um indicador da sua riqueza relativa. Ora, nas regiões portuguesas em geral, a evolução tem sido a nosso desfavor comparativamente a eles, que têm um nível de crescimento muito maior. Estão a convergir mais, mesmo estando algumas abaixo de nós. Mas o último relatório da coesão, há dois anos, mostra que a única região, de todo o Sul da Europa (Espanha, Itália, Grécia, Malta) que converge, em relação à média europeia, é o Norte de Portugal. Podemos sempre dizer que no Leste há várias que convergem mais, que estão a crescer mais, umas já estando acima de nós e outras ainda abaixo. Mas há aqui um constrangimento importante. Quantos municípios há na região Norte? 86. Destes, quantos são os que exportam alguma coisa que se veja? Metade não exporta nada ou quase nada! Se queremos crescer mais do que os 50% a que já chegámos (e há 20 anos era pouco mais de 20%), precisamos de encontrar mais espaço de alargamento desta capacidade exportadora. Aí, entra o Interior e a sua baixa densidade.

Portanto, há uma assimetria no País, mas também há assimetrias dentro das próprias regiões?
Sim. A Região Norte é assimétrica. Em 86 municípios, haverá uns 57 na classificação de baixa densidade. O crescimento da nossa intensidade exportadora exige, agora, políticas finas dirigidas a cada uma das sub-regiões. Para ver qual o estrangulamento que existe em Trás-os Montes, por exemplo. É o envelhecimento? A fixação de pessoas? Há regiões, que sendo de baixa densidade – como é o caso do Tâmega e Sousa, e de algumas regiões próximas de Paços de Ferreira, Felgueiras ou Amarante – se caracterizam por ser as únicas jovens no País, o que é uma oportunidade enorme. São as únicas! Mas é preciso que haja políticas dirigidas a esses jovens. Se não houver, esses jovens vão sair dali em 10/15 anos, para irem trabalhar para outros grandes centros.

CISION
Exame
ID: 87281717
01-07-2020
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.
Pág: 69
Cores: Cor
Área: 18,60 x 24,30 cm²
Corte: 4 de 6



É muito importante que os fundos estruturais sejam bem aplicados, de forma seletiva e que não tratem igual o que é diferente"

Como se arrasta a dinâmica de polos mais ativos para os mais inativos?
Com a conjugação de dinâmicas locais, políticas públicas e um aproveitamento eficaz dos fundos comunitários. É muito importante que os fundos estruturais sejam bem aplicados, de forma seletiva e que não tratem igual o que é diferente. Temos de perceber, de uma vez por todas, que as prioridades de uma determinada sub-região são diferentes de outra. O desafio que lancei às comunidades intermunicipais [CIM] e à Área Metropolitana do Porto foi fazermos um trabalho coordenado, para o qual dei um pontapé de saída, com o documento *A Região Norte* e o próximo programa operacional. Cada CIM e a AMP introduzirá os seus constrangimentos e as suas prioridades. Precisamos de tratar das prioridades estratégicas de cada sub-região e tomar as medidas necessárias viradas para o Programa 21-27, o próximo quadro financeiro plurianual. Teremos assim um contributo para dar à estratégia portuguesa: "O Norte quer isto." E vai haver, entretanto, todo o Fundo de Recuperação, e ainda alguns possíveis apoios transitórios de ligação entre este quadro e o próximo.

Está preocupado com o modo como se pode gastar o dinheiro do Fundo de Recuperação?
Uma coisa é atalhar aos impactos imediatos que a Covid provocou. É do âmbito da Segurança Social, tem uma lógica assistencial: ajudar famílias e empresas. Outra coisa é passarmos para um discurso de reconstrução. Como vamos construir o futuro do País? Não é a salvar empresas, sem critério, que vamos salvar-nos enquanto comunidade. Temos de ser capazes de separar isto claramente. Não misturemos este campeonato com o campeonato do futuro. Só sairemos desta crise reforçados se formos capazes de tratar do futuro. Se não, vamos andar permanentemente a deitar dinheiro para cima de coisas que não são estruturantes.

Como já aconteceu no passado?
Sim, mas agora com riscos ainda maiores. E deitar dinheiro para cima dos problemas é uma coisa muito típica.

Não foi para pensar nisso que contrataram António Costa e Silva?
Se foi, é positivo. Mas o que tenho visto ao longo destes meses é uma preocupação, até voluntarista e bem-intencionada, de atirar dinheiro para cima das coisas. Se estivermos a trabalhar para reconverter 200 empresas têxteis, com risco de ir à falência, a produzirem máscaras, daqui a uns meses vamos andar a oferecer máscaras, pagas por dinheiros públicos.

O presidente da associação têxtil já disse que a produção de máscaras não era o futuro.
Tudo tem o seu sentido. Não podemos é estar todos a tratar de tudo ao mesmo tempo. Se os sistemas de incentivos habituais às empresas suportam entre 55/60% do investimento, e agora passa para 90%, e o Iapmei tem apenas cinco dias para analisar, vão tudo ser coisas que...

... que não terão resultados no futuro?
Quero dizer que há um limite para essa valorização, porque senão é só patos bravos.

Quais são então os principais constrangimentos já identificados?
As baixas qualificações da população ativa empregada: temos uma evolução brutalmente positiva, mas, mesmo assim, ainda estamos muito abaixo da média europeia. A baixa produtividade do trabalho e a lenta mudança do padrão de especialização: a produtividade está a mudar, a especialização está a acontecer, mas ainda assim precisamos de aprofundar. O nosso ainda baixo nível de desempenho em termos de PIB *per capita*: continuamos relativamente pobres no contexto europeu. A questão demográfica: quer juventude, quer envelhecimento, quer a sua intensificação inter-regional, para que se cumpra a máxima de que ninguém fica para trás. Em Vinhais ou Vimioso, há quatro idosos por cada jovem, uma situação insustentável a prazo.

Todos os incentivos para povoar zonas do Interior têm falhado.
Não sei se têm sido dados muitos. Não sei se a questão se põe em dar incentivos para o Interior ou em criar condições para que coisas possam acontecer lá. Há muitos exemplos virtuosos sem expressão porque são casos únicos. Mas veja o que aconteceu na área científica com o crescimento do Instituto Politécnico de Bragança. Não era pensável que pudesse haver um centro de investigação que viesse a ser classificado com uma nota elevada numa avaliação objetiva e independente da FCT. E aconteceu, porque ali se juntou um conjunto de recursos. Depois criaram um laboratório colaborativo, que teve de contratar gente. E, de repente, concorreram para lá várias pessoas, entre os quais estrangeiros, que querem fixar-se, não no Porto ou em Lisboa, mas em Bragança. Coisas destas têm de se multiplicar e de ser feitas com alguma con-

CISION
Exame
ID: 87281717
01-07-2020
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.
Pág: 70
Cores: Cor
Área: 18,60 x 23,96 cm²
Corte: 5 de 6

tinuidade. O tempo da política raramente coincide com o tempo da transformação estrutural. Temos é de mostrar resultados e não atirar números para cima das coisas.

Como presidente da CCDRN tem sido ouvido pelos poderes políticos?
Sim. E a criação do Ministério da Coesão Territorial é útil na ligação com as regiões. Houve uma perceção em crescendo do primeiro-ministro de que era preciso dar algum corpo institucional à ideia de valorizar o Interior. Mas também é preciso que as instâncias locais e regionais do Interior tenham a devida capacidade de articulação e de peso decisório. Isto leva-nos à discussão da regionalização.

Continua a defender a necessidade de uma figura supramunicipal?
Não escondo isso. Não tenho dúvida nenhuma de que há um lado manco na estrutura organizativa do Estado, em que a instância regional falha, não está devidamente tratada. Sou um total defensor da regionalização. Na Suécia, há três níveis de decisão: central, regional e municipal. Isto é o óbvio.

Mesmo num País tão pequeno?
Sim. O Norte é maior do que muitos países europeus. Em população, em PIB... se fosse um país, éramos maiores do que Malta, Chipre, Luxemburgo, Lituânia, Letónia, Estónia... O problema não é a pequenez,

"A confusão entre regionalismo e municipalismo é um dos vícios mais errados que existem"

é a lógica da decisão e como isso se traduz na qualidade das instituições.

Como funcionaria essa entidade supramunicipal?
Faz falta uma entidade regional, em que criamos regiões. O que significa eleger responsáveis políticos dessas regiões. Tem de haver um árbitro regional que faça a gestão dos equilíbrios dentro de cada região. O Douro ou Trás-os-Montes merecem ser devidamente ouvidos em contexto regional. Mas a única coisa que existe é municípios e Estado! Depois há as CIM, que são agrupamentos de municípios. E há uma entidade regional, a CCDR, que é uma emanação desconcentrada do estado central.

As CCDR não poderiam assumir esse papel?
Assumem parte disso. Mas de forma manca, porque tem uma presidência escolhida pelo governo central. Haverá sempre alguém que decidirá acima dele. Há um poder central e um poder municipal eleito, mas a escala em que se devem tratar certos problemas é regional, que também não é o somatório dos municípios. A confusão entre regionalismo e municipalismo é um dos vícios mais errados que existem. Mas não vai ser esse o caminho. O máximo que vai acontecer é a eleição de um presidente da comissão através dos municípios. E isto é, mais uma vez, um vício de forma.

É mudar tudo para que tudo fique na mesma?
É mudar tudo para que, pelo menos, não mude o essencial.

Qual foi o valor acrescentado que um Ministério da Coesão Territorial trouxe?
Passou a ter uma capacidade de diálogo com as autoridades regionais que antes não existia. O papel do ministro do Planeamento não é o da gestão dos equilíbrios territoriais. Mas precisávamos de simplificar os circuitos de decisão, também no que diz respeito aos fundos comunitários. Porque vivemos com dois ministérios da tutela, que têm de se articular com outros ministérios em função dos temas específicos.

Como as Finanças e Economia?
E também com o da Segurança Social, se tem algo a ver com equipamentos sociais; com o da Educação, se tem um problema de escolas... Em função das várias áreas, há componentes governativas que são chamadas a interferir e a criar ruído. E isto faz demorar muito os processos. A minha posição é respeitada, não tenho queixas particulares. Mas o sistema é, em certa maneira, um elemento limitador.

E quem é o sistema?
A máquina da Administração Pública. Falta tanto, tanto bom senso. Falta imenso a capacidade de nos despirmos de nós próprios em nome de um certo serviço público, da necessidade de que as coisas aconteçam e aconteçam bem, de forma eficaz e coerente. Há muito vício. É desgostante. Mas explorar muito isto, leva-nos a tantas gavetas... e a outra entrevista.

CISION

ID: 87281717

Exame

01-07-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 4,52 x 2,35 cm²
Corte: 6 de 6

Privatizações
O que é feito das empresas vendidas desde os anos 80?

Turismo
Como o setor está a atacar o verão e os próximos anos

Desenvolvimento
Entrevista a Freire de Sousa, um verdadeiro "homem do Norte"

Julho 2020
Publicação Mensal
435
Portugal
€4,90 (Continente)

exame.pt

Exame

Linked in

MARCA Nº1 ESCOLHA CONSUMIDOR '20

PRÉMIO CINCO ESTRELAS 2020

Exame 435 julho 2020

O QUE EU APRENDI COM A PANDEMIA

tn TRUST IN NEWS

5 603846 000019 00435

O QUE EU APRENDI COM A PANDEMIA

OS TESTEMUNHOS DE:

Cláudia Azevedo | Ljubomir Stanisic | **Pedro Nuno Santos** | Luís Marques Mendes
Paulo Pereira da Silva | Luís Onofre | **António Portela** | Adolfo Mesquita Nunes | **Alberto Ramos**
Álvaro Santos Pereira | **António Rios Amorim** | António Saraiva | **Carlos Leal** | Carlos Silva
Daniel Traça | Fernando da Cunha Guedes | **Isabel Camarinha** | João Bento | **João Paulo Teófilo**
Jorge Rebelo de Almeida | **José Gomes** | Luís Mesquita Dias | **Margarida Almeida** | Nuno Garoupa
Paolo Fagnoni | Pedro Magalhães | **Pedro Norton** | Pedro Penalva | **Pedro Pita Barros**
Pedro Siza Vieira | **Ricardo Sousa** | Rui Leão Martinho | **Salvador Malheiro**